

**“Então, eu não tenho mais nada a perder mais, não, irmão!”:
Juventudes negras, violência e pedagogias culturais no Portal G1 de notícias**

Henrique Ferreira da Silva ¹

Gisele Massola ²

Resumo

Neste artigo, são exploradas as complexas relações entre juventudes negras, (in)visibilidade e violência, focando em suas possíveis reverberações na formação de identidades. Com o objetivo de compreender como a precarização do espaço, o constante convívio com o medo e a ação policial moldam identidades desses jovens de maneira singular, buscamos o apoio teórico pós-estruturalista dos Estudos Culturais, mediante contribuições de autores como Fischer (1997), Hall (2008), Woodward (2008), Mbembe (2013) e Camozzato e Costa (2013), tomando os conceitos de juventudes negras, mídia e necropolítica como ferramentas centrais. O material empírico abrange oito reportagens do portal G1 de notícias, produzidas entre junho de 2010 e agosto de 2019, abordando o episódio de sequestro do ônibus 174, ocorrido no ano de 2000 na cidade do Rio de Janeiro, fato amplamente divulgado *na e pela* mídia. A metodologia pautou-se na análise cultural, compreendendo as notícias da mídia como artefatos culturais e assumindo que a cultura é central – tanto do ponto de vista conceitual, quanto da perspectiva empírica – na criação daquilo que chamamos de “realidade”. Os resultados evidenciam aspectos de uma sociedade que percebe a morte do outro-negro como algo banal, fazendo girar o ciclo de racismo estrutural e violência policial que acometem rotineiramente esses corpos.

Palavras-chave: Juventude(s) negra(s). Violência. Mídia. Estudos Culturais.

**“So, I got nothing left to lose anymore, no, brother!”:
Black youth, violence and cultural pedagogies on the G1 news portal**

Abstract

In this article, the complex relationships between black youth, (in)visibility and violence are explored, focusing on their possible reverberations in the formation of identities. With the aim of understanding how the precariousness of space, the constant coexistence with fear and police action shape the identities of these young people in a unique way, we sought post-structuralist theoretical support from Cultural Studies, through contributions from authors such as Fischer (1997), Hall (2008), Woodward (2008), Mbembe (2013) and Camozzato and Costa (2013), taking the concepts of black youth, media and necropolitics as central tools. The empirical material covers eight reports from the G1 news portal, produced between June 2010 and August 2019, covering the episode of the hijacking of bus 174, which occurred in 2000 in the city of Rio de Janeiro, a fact widely publicized in and by the media. The methodology was based on cultural analysis, understanding media news as cultural artifacts and assuming that culture is central – both from a conceptual point of view and from an empirical perspective – in the creation of what we call “reality”. The results highlight aspects of a society that perceives the death of the black other as something banal, spinning the cycle of structural racism and police violence that routinely affects these bodies.

Keywords: Black youth(s). Violence. Media. Cultural Studies.

Iniciando a conversa...

Porque a justiça deles, só vai em cima de quem usa chinelo

E é vítima, agressão de farda é legítima

Barracos no chão, enquanto chove

Meus heróis também morreram de overdose,

¹Mestrando em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da ULBRA, Graduado em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda; Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6658-4577>; E-mail: henriqferreiras@gmail.com

²Doutora e Mestre em Educação; Licenciada em História; Professora Adjunta do Programa de Pós-Graduação em Educação da ULBRA; Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9110-1381>; E-mail: gisele.massola@ulbra.br.

*De violência, sob coturnos de quem dita decência
Homens de farda são maus, era do caos,
Frios como halls, engatilha e plau!
Dedo na ferida – Emicida ft. Criolo.*

O trecho acima destacado é parte da composição musical do cantor de *rap* paulistano Emicida, em parceria com o também *rapper* Renan Samam. Trata-se da música “Dedo na Ferida”, lançada em 2012, que recebeu o prêmio de “Música do Ano” pela MTV *Video Music Brasil*. Além disso, a canção foi o mote da prisão de Emicida por desacato, após uma apresentação no Bairro Barreiro, na periferia de Belo Horizonte, durante um evento³ que reuniu outros integrantes e adeptos do movimento *hip-hop*. Na ocasião, o *rapper*, em solidariedade aos moradores do local, por meio dos versos de suas músicas, fez analogias com o cerco militar e ações de remoção e despejo da ocupação Eliana Silva, quando policiais militares haviam derrubado um acampamento em cumprimento a uma ordem judicial. O conteúdo da letra, bem como das produções desse gênero musical, de modo geral, versa sobre “temas e aspectos caracterizadores do rap como instrumento de denúncia e de formação de uma consciência social de seus participantes” (PEREIRA, 2020, p. 87).

Feitas essas considerações iniciais, já antecipamos que não é nosso interesse aprofundar as questões envolvendo a temática do gênero *rap* neste texto. Porém, percebemos que, tanto nos destaques contidos na letra quanto no episódio ocorrido na localidade mineira⁴, chamam atenção as narrativas que se sobressaem em torno da temática da violência – por vezes, desmembrada em truculência, agressão, autoritarismo, opressão, expurgo, exclusão –, que acaba sendo configurada como um dos aspectos estruturantes da realidade social, atingindo uma boa parcela da população jovem negra residente nas pe-

riferias das cidades brasileiras.

O corpo negro, historicamente, no contexto brasileiro, tem estado sujeito a diversos níveis de dominação, com a natureza dessa opressão acentuada ao longo do tempo. Para uma dimensão mais ampla dessa problemática, é essencial recorrer a elementos sócio-históricos que conformam a história do Brasil enquanto nação, como o processo de escravidão, que perdurou por três séculos no país. Durante esse período, a população negra foi explorada e desumanizada, sendo tratada como propriedade e força de trabalho pela elite escravocrata. Com a abolição da escravatura em 1888, não foram implementadas políticas públicas e estruturais para assegurar a inclusão socioeconômica da população negra recém-liberta. Ao olhar em retrospecto, tal fato perpetuou a marginalização e a exclusão social dos negros, criando um ciclo contínuo de pobreza e desigualdade que pode ser visto ainda atualmente.

Essa lacuna histórica de políticas de integração e reparação é um dos fatores que contribuem, de certa maneira, para os altos índices de letalidade entre a juventude negra nos dias atuais. Também a falta de oportunidades e o preconceito estrutural tornam os jovens negros mais vulneráveis à violência policial e ao encarceramento, uma vez que um dos principais mecanismos de controle do Estado é a atuação policial. Assim, ao abordarmos a problemática da violência policial no Brasil, estamos, de forma inevitável, considerando as vivências das juventudes negras e a construção do corpo negro como excedente emergindo como uma estratégia no contexto necropolítico.

Como Stuart Hall (2016) argumenta, a representação cultural tem papel fundamental na construção da identidade individual e coletiva. No caso das juventudes negras, sua constituição como corpos matáveis se constrói desde cedo e se perpetua no

³ Na ocasião, maio de 2012, estavam ocorrendo eventos alusivos às comemorações da abolição da escravatura no Brasil. O evento em questão foi a segunda etapa do “Palco Hip-Hop”.

⁴ Cabe referir que tal acontecimento, envolvendo confronto entre moradores de uma localidade ocupada e policiais em ato de cumprimento de decisões judiciais, não é restrito a essa ação, e muitos outros exemplos de situações similares poderiam ser listados em diferentes regiões do Brasil. Dados atualizados, obtidos na *site da Brasil de Fato*, registram que, até fevereiro de 2022, o número de famílias despejadas ou de ocupações removidas chegou a 27.618, tendo os estados de São Paulo (6.017), Rio de Janeiro (5.560), Amazonas (3.731), Paraná (1.706), Goiás (1.623), Pernambuco (1.595) e Ceará (1.472) apresentado os maiores números, com um aumento de 602% se comparado aos dados anteriores, de 2020. Disponível em <https://www.brasildefatodf.com.br/>. Acesso em: 11 de jan. de 2024.

imaginário social, onde os corpos negros são postos em posições de subalternidade, desconsiderando-se, por exemplo, a implicação da (in)ação do Estado na constituição dessas identidades (BUENO, 2019).

Neste estudo, o foco da discussão recai sobre o lugar ocupado por representações das juventudes negras veiculadas na e pela mídia, compreendida como meio ou espaço por onde uma determinada mensagem é transmitida. Kellner (2001) dirá que é nos processos de representação cultural postos em ação pelas produções de mídia que identidades, tal como as juvenis, são produzidas. O autor analisa a cultura de mídia como aquela que se tornou um dos instrumentos principais da socialização para os jovens, que dela recebem “papéis e elementos formadores de identidade, em vez de recebê-los de seus pais e professores” (p. 135). Com essas inspirações, neste texto – recorte de uma investigação de mestrado em andamento, com versão ampliada preliminarmente apresentada em formato de resumo expandido⁵ –, objetivamos compreender as narrativas midiáticas sobre ser jovem negro. Tomamos o conceito de pedagogia cultural, potente ferramenta teórica, para apontar como os processos de ensino ocorrem a partir de outros aparatos midiáticos, ensinando novos jeitos de ser e estar no mundo – neste caso, como ser jovem e negro no Rio de Janeiro.

A partir do campo dos Estudos Culturais em Educação, pretende-se explorar, também, as representações de juventudes negras com base em suas intersecções e vivências no território onde vivem, ou seja, nos meios/ambientes que atuam de forma pedagógica e acabam constituindo subjetividades e modos de ser sujeito. Para isso, examinamos um conjunto de oito reportagens, veiculadas entre junho de 2010 e agosto de 2019, composto por três vídeos e cinco textos, todos publicados no portal de notícias G1, abordando o incidente do sequestro do ônibus 174, ocorrido no ano de 2000, na cidade do Rio de Janeiro. Do mapeamento total reunido, no entanto, foram descartadas 12 matérias, pelo fato de exporem outros acontecimentos envolvendo sequestro

de ônibus no Rio de Janeiro, sem tratar diretamente do objeto desta investigação. Tais reportagens foram obtidas mediante mecanismo de busca usando a expressão: Portal G1 sequestro ônibus 174 Rio de Janeiro. A metodologia pautou-se na análise cultural, compreendendo as notícias da mídia como artefatos culturais e assumindo que a cultura é central – tanto do ponto de vista conceitual, quanto da perspectiva empírica – na criação daquilo que chamamos de “realidade”. Tomou-se o portal de notícias G1 como base para a coleta de dados por identificar-se que, mesmo à época, o Grupo Globo foi uma das principais emissoras responsáveis pela ampla cobertura midiática do caso, mesmo antes de seu desfecho.

Para dar conta da argumentação que propomos, serão realizados alguns movimentos na organização da escrita. Inicialmente, será dedicado um espaço para reflexões que contextualizam o potencial pedagógico da mídia. Em seguida, apresentaremos uma abordagem teórica, fundamentada em perspectivas pós-estruturalistas, e delinearemos as trilhas metodológicas que sustentam a pesquisa, tanto na construção conceitual quanto na esfera empírica, ampliando a noção de juventude(s) para conectá-la às ideias de Mbembe (2018), especialmente no contexto do conceito de necropolítica. Na sequência, entrelaçaremos análises dos eixos juventudes negras, violência e mídia, utilizando as reportagens do Portal G1 de notícias. No âmbito do portal, examinaremos narrativas que propõem e posicionam formas de ser (e condições de estar) da juventude negra periférica em áreas urbanas. Por fim, destacaremos alguns alinhavos finais, com apontamentos que conformam uma conclusão.

A mídia se faz pedagógica: de que (in)visibilidade estamos falando?

O episódio objeto de análise desta investigação ocorreu no dia 12 de junho de 2000, na rua Jardim Botânico, na cidade do Rio de Janeiro. Trata-se do sequestro de um ônibus da linha 174 (Central-Gávea), no qual o jovem Sandro Barbosa do

⁵ XXIII Fórum de Pesquisa Científica e Tecnológica, realizado em Canoas (RS), em novembro de 2023.

Nascimento, responsável pelo sequestro, manteve 10 passageiros como reféns por aproximadamente quatro horas. No decorrer dos acontecimentos, ao perceber a presença massiva de policiais cercando o ônibus, juntamente com repórteres, Sandro passa a ter atitudes mais agressivas. Com arma em punho, ameaça reféns, grita, gesticula, atira no para-brisa. Inicialmente, sente-se incomodado com a presença da mídia. Logo após, parece perceber que a presença da mídia ali lhe confere maior visibilidade. Depois de longas trocas com os negociadores, revela ser um dos poucos jovens sobreviventes da Chacina da Candelária⁶, fato que atesta mais uma das marcas da história de Sandro com a violência e a exclusão. No desfecho, uma refém – a professora Geísa Firmino Gonçalves, usada como escudo humano –, teria recebido três tiros, disparados por um soldado do Bope (Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar) na tentativa de matar o sequestrador, e outros três, disparados por Sandro em resposta à ação do policial. Na sequência, Sandro estava sendo conduzido para o hospital, dentro do camburão, e teria sido asfixiado, o que o levou à morte – cabe notar, no entanto, que a ação de asfixiar Sandro foi posteriormente validada pelo Estado, uma vez que os três policiais foram absolvidos por júri popular. A mensagem, nesse caso, é explícita: é reconhecido o direito de morte a certos corpos em um contexto necropolítico (MBEMBE, 2018).

Embora o fato tenha ocorrido há mais de 20 anos, tornou-se emblemático e ainda é bastante referenciado, ao menos por duas razões. A primeira delas é ter sido transmitido ao vivo, em rede nacional, com exibição de *flashes* ao longo da programação, chamadas de plantão e telejornais desde antes das 15h, quando começou o sequestro; já a Globo News seguiu no ar, sem interrupções, transmitindo em tempo real. A segunda é a repercussão em escala mundial devido aos erros da Polícia Militar na condução da ação, o que demarcou uma “nova fase” das opera-

⁶ Sandro, ainda quando criança, presenciou sua mãe ser assassinada. Por volta dos oito anos, passou a morar na rua com outras crianças, fazendo uso de drogas, cometendo pequenos furtos e habitando as áreas externas da Igreja da Candelária (Rio de Janeiro). Em julho de 1993, um carro da polícia teria alvejado o grupo de crianças que dormia ali. Sandro teria sido um dos poucos sobreviventes. Tal episódio ficou conhecido como a *Chacina da Candelária*, ganhando ampla repercussão em razão de ter “chocado” a população por tamanha barbárie, envolvendo execução de crianças de 11 anos de idade, moradoras de rua.

ções especiais no Brasil, conforme explicitado pelo capitão do Bope na época, Renê Alonso, em uma entrevista que relembra o caso. Nesse momento, o representante das forças policiais apontou:

A gente ia ter uma resposta muito mais qualificada, muito mais precisa, até porque, de lá pra cá, a gente treinou, reviu. Constantemente, a gente está buscando o intercâmbio com outras forças no mundo. De lá pra cá, a gente não perdeu mais nenhum refém. São 170 e tantas ocorrências, e a gente conseguiu retirar todos os reféns com vida (G1, 2015).

Além disso, cabe referir que o fato ganhou visibilidade no cinema ao virar tema de um documentário, em 2002, intitulado *Ônibus 174* e dirigido por José Padilha, e de um longa-metragem, em 2008, do diretor Bruno Barreto, chamado *Última parada 174*, tendo sido selecionado pelo Ministério da Cultura para compor a lista dos indicados ao Oscar de melhor filme estrangeiro de 2009.

A complexidade do tema, que já foi estudado sob a ótica de distintas áreas do conhecimento, entre elas, Antropologia, Comunicação, Educação e Psicologia, ainda hoje ganha notoriedade. Várias são as produções desenvolvidas, nos últimos anos, retomando fragmentos da história de Sandro e as repercussões na mídia sob diferentes vieses. O estudo de Valadares (2010) reporta a situação a partir da invisibilidade social, que “consiste na negação da singularidade do indivíduo” (p. 167), ou seja, para o autor, a mídia, ao dar visibilidade apenas às motivações criminosas de Sandro, ajuda “a eximir a sociedade de assumir a culpa das consequências da exclusão social” (p. 170). Nardelli (2011), em uma perspectiva aproximada, tensiona os olhares para o papel da mídia e analisa as “questões relacionadas à sociedade e à cidadania, que surgiram no debate sobre o episódio, alimentado pelos meios de comunicação de massa” (p. 127). Desse modo, dá-se ênfase para temas como: violência urbana, inépcia do Estado, desamparo dos meninos de rua e arbitrariedade policial. Silva (2012) reflete sobre a forma sensacio-

nalista como ações envolvendo traficantes, policiais, justiceiros e moradores das periferias ganharam visibilidade a partir da mídia. Para o autor, os sujeitos, especialmente os marginalizados, geralmente são mostrados de maneira a reforçar estigmas e estereótipos. Com isso, chama a atenção para a “ampliação das possibilidades para refletir sobre o personagem e sua relação com a violência” (p. 227).

Estudos mais recentes, como o de Kostulski *et al.* (2019), versam sobre as relações entre a vivência da adolescência e a violência no cenário da invisibilidade social, refletindo sobre as manifestações da violência. Para os autores, “histórias como a de Sandro só ganham visibilidade quando alcançam situações violentas extremas, as quais atingem a sociedade dita de ‘bem’” (p. 168). Já a pesquisa das autoras Silva e Domingues (2020) buscou discutir acontecimentos enquanto fenômenos sociais que produzem a marginalização dos jovens negros. Para elas, o jovem Sandro encontrava-se “em situação de vulnerabilidade social entrelaçada às condições socioeconômicas possíveis à sua família” (p. 426). Por fim, destaca-se o estudo de Cruz e Garcia (2020), que analisaram a reportagem veiculada no telejornal *Jornal Nacional* (JN) sobre o caso do ônibus 174. Sob a perspectiva do estudo de recepção, problematizaram os destaques negativos do comportamento de Sandro produzidos pelo telejornal, mostrando “muitos dos ‘comos’ e ‘porquês’ (os quais, muitas vezes, as reportagens de televisão omitem)”; assim, “até quem, de início, acreditava que Sandro deveria morrer, entendeu os porquês e compreendeu que Sandro é fruto do sistema e das condições que este proporciona” (p. 173).

Em certa medida, as investigações destacadas acima põem em evidência desdobramentos do episódio e suas repercussões a partir das veiculações na mídia. Na perspectiva teórica à qual nos vinculamos – Estudos Culturais em Educação –, o processo pedagógico e, portanto, os espaços educativos “se [dão] em diferentes espaços do mundo contemporâneo, sendo a escola apenas um deles” (COSTA; SILVEIRA; SOMMER; 2003, p. 56). Nessa linha de en-

tendimento, “a educação é compreendida como um processo cultural que não se limita ao espaço escolar, expandindo a noção de pedagogia; entendendo toda a pedagogia como cultural” (DESCHAMPS, 2017). Com isso, o que compreendemos como pedagógico é ampliado para além dos espaços institucionalizados da escola, tal como o ambiente midiático, o qual põe em circulação diversos significados, moldando modos de ser e de viver, desenhando subjetividades e fabricando identidades. Para Fischer (1997),

as diversas modalidades enunciativas (tipos e gêneros específicos de enunciação audiovisual) dos diferentes meios e produtos de comunicação e informação – televisão, jornal, revistas, peças publicitárias – parecem afirmar em nosso tempo o estatuto da mídia não só como veiculadora, mas também como produtora de saberes e formas especializadas de comunicar e de produzir sujeitos, assumindo, nesse sentido, uma função nitidamente pedagógica (p. 60-61).

Tal caráter pedagógico da mídia seria expresso na noção de que as representações veiculadas, publicizadas e postas em circulação pela mídia não apenas informam, mas estabelecem significados, valores e gostos, que atuam na constituição de identidades – neste caso, de juventudes negras –, uma vez que é por meio delas que se instituem e se ensinam maneiras de ser, de pensar, de ver-se e de agir em sociedade. Segundo Costa, Silveira e Sommer (2003),

Pedagogia da mídia refere-se à prática cultural que vem sendo problematizada para ressaltar essa dimensão formativa dos artefatos de comunicação e informação na vida contemporânea, com efeitos na política cultural, que ultrapassam e/ou produzem as barreiras de classe, gênero sexual, modo de vida, etnia e tantas outras (p. 57, grifo dos autores).

Cabe referir que, sob o viés teórico do estudo apresentado aqui, a dimensão formativa dos artefatos de comunicação e informação produzidos pela mídia não diz respeito só ao que é materialmente constituído pela cultura, mas também aos seus efeitos, constituindo processos de subjetivação. As produções midiáticas suscitam efeitos, sentidos, significações e, conseqüentemente, saberes, os quais ensinam mo-

dos de ser e estar no mundo, estabelecendo posições de sujeito e, portanto, constituindo subjetividades.

Múltiplas seriam as instâncias culturais – rádio, jornais, revistas, TV, peças publicitárias, filmes etc. – implicadas na invenção de saberes, valores e atitudes postos em circulação nas sociedades, como destacado por Camozzato e Costa (2013). Aproximando tal concepção das chamadas pedagogias culturais, estas têm sido consideradas como ferramenta importante para pensar nos processos educativos que ocorrem além dos muros da escola. É por meio dessa ferramenta teórica que se torna possível estabelecer vínculos entre os mais diversos artefatos pedagógicos dispersos pela sociedade. Isso implica pensar em como as pedagogias funcionam, como operam, quais são seus traços e que tipo de sujeitos são interpelados por elas e se constituem em suas relações.

Neste estudo, tomamos o Portal G1 de notícias como um veiculador de informações permeadas de significados que estabelecem narrativas, ditos, enunciados, consolidando processos de produção de modos de ser jovem negro, ou seja, colocam em circulação e dão certa visibilidade (ao mesmo passo que invisibilizam) a modos de constituir entendimentos sobre juventude negra, especialmente, da periferia. Sentidos e significados são sinônimos. Consideramos, pois, o Portal G1 como um artefato cultural da mídia que oferece acesso gratuito a todo o seu conteúdo, o que possibilita maior alcance às suas publicações nos diversos contextos da sociedade brasileira. Além disso, caracteriza-se por permitir que os usuários enviem seus comentários a respeito das notícias. Os comentários são publicados e ficam em formato de lista no fim da matéria, organizados conforme a ordem de envio. Salienta-se que nem todas as matérias têm espaço para comentários. Tais fatores, acoplados, denotam a circularidade e o acesso das informações publicizadas nesse portal.

Na próxima seção, discutiremos sobre os alinhavos teórico-metodológicos, delimitando os conceitos basilares para as análises das reportagens selecionadas.

Delineamento dos contornos teóricos

Hall (2008) argumenta que a construção de identidades “opera sob rasura” e que toda identidade tem “a sua margem”. A construção de identidades, portanto, deriva de um processo inconstante de hierarquização e poder no âmbito social. Contribuindo para essa discussão, Thomaz Tadeu da Silva (2008) destaca que identidade e diferença são criações sociais e culturais, dependendo, assim, de um agente para sua criação e manutenção. Para Woodward (2008), a representação, compreendida dentro de um contexto cultural, estabelece identidades individuais e coletivas; nesse processo, destaca-se o poder da mídia como central, uma vez que ela diz como devemos ocupar uma posição-de-sujeito particular. A criação de identidade, assim, é facilitada pelo acesso a meios sociais e prestígio social (WOODWARD, 2008).

Ao analisarmos a construção do corpo negro no tecido social brasileiro, considerando sua base histórica e os desafios enfrentados no presente, é possível identificar um processo de subalternização. Esse processo aponta uma relação entre os escritos desses autores e as noções que subsidiam a criação de um “outro social”, fortemente marcado por relações assimétricas de poder, em que um grupo é capaz de definir o “outro” por meio da diferença. Não é à toa que grupos historicamente marginalizados, como as juventudes negras, tendem a ter menos acesso a oportunidades em diversas áreas sociais, influenciando a constituição de suas identidades (WOODWARD, 2008).

A partir disso, é importante considerar as representações socialmente vinculadas aos indivíduos – neste caso, os negros. Segundo Zubaran, Wortmann e Kirchof (2016), as representações “estão na base da construção das identidades” (p. 17). Narrativas como a de Sandro são capazes de formular noções de identidade que permeiam o imaginário social por muito tempo. Dentro de um sistema racialmente marcado, onde o ser negro já carrega consigo significantes negativos, como pobreza e violência, um episódio como o do ônibus 174 é carregado de este-reotipia, que, de acordo com Bhabha (1984), “não

reflete, simplesmente, uma realidade social prévia; ela produz essa realidade novamente, cada vez que é colocada em circulação” (p. 122). Nesse sentido, destaca-se o papel da mídia e dos espaços de poder em perpetuar representações a partir do que já está estabelecido no imaginário social, considerando também as construções racializadas e mantendo o funcionamento das imagens de controle. Como hooks (2019) afirma:

Existe uma conexão direta e persistente entre a manutenção do patriarcado supremacista branco nessa sociedade e a naturalização de imagens específicas na mídia de massa, representações de raça e negritude que apoiam e mantêm a opressão, a exploração e a dominação de todas as pessoas negras em diversos aspectos (p. 33).

A partir disso, compreendemos as diversas formas e tecnologias do racismo que operam nas representações, incluindo o campo jornalístico e/ou político, utilizando os meios de comunicação para formulações e reforços de imagens com vieses próprios. Dessa forma, “o racismo coloca-nos em constante vigilância sobre como os meios de comunicação influenciam as representações de corpos negros” (OLIVEIRA; OLIVEIRA; ARRAIS, 2019, p. 12).

Metodologia do estudo e contextualização do material empírico

As transformações tecnológicas modificam constantemente a forma como os meios de comunicação atuam. Jenkins (2009) cunhou o termo “convergência das mídias”, definindo-o como “mudanças tecnológicas, industriais, culturais e sociais no modo como as mídias circulam em nossa cultura” (p. 45). Nesse novo paradigma, há um entrecruzamento de mídias: as “convencionais/off-line” e as “on-line”, que passam a coexistir. Porém, o conceito de convergência não está ligado ao aparato tecnológico, ou seja, aos aparelhos, mas à forma como o consumidor interage e consome os conteúdos e na maneira como ele circula, alterando a relação estática que se tinha antes com a mensagem: o receptor, que antes apenas recebia, agora passa a fazer parte da construção (JENKINS, 2009). Com essa mudança, surge a ne-

cessidade de os veículos de comunicação alterarem a lógica de produção de seus conteúdos, que passa a ocorrer sob um novo prisma. Nessa nova situação, muda-se a maneira de consumir e, conseqüentemente, de produzir (STEFANO, 2016).

Com o surgimento e a ascensão da internet, seguidos de sua assimilação pelas empresas de jornalismo, aparecem, posteriormente, os portais de notícias. A partir desse momento, a informação passa a ser veiculada na rede com viés de novidade, e os portais de notícia seriam as “bússolas” do usuário *on-line*, que poderia ter acesso a conteúdos informacionais dentro de *sites* únicos – considerando o início da massificação do acesso e o aprendizado dos usuários em relação à novidade apresentada. Neste texto, utilizamos a definição de Herscovitz para os portais:

Portais são definidos aqui como os *websites* de notícias *on-line* de referência que oferecem conteúdos editoriais semelhantes aos da imprensa, incluindo boletins de esportes e trânsito, assim como seções e *links* categorizados por temas, áreas para bate-papo, *e-mails*, dicas, e uma variedade de serviços e produtos (HERSCOVITZ, 2009, p. 3).

Na presente pesquisa, o G1 é pensado como um produto (portal de notícias) do Grupo Globo que propaga sentidos e faz ecoar ideias por meio de sua visibilidade e alcance. A entrada do Grupo Globo – fundado em 29 de julho de 1925 por Irineu Marinho – na internet deu-se com o domínio *Globo.com*, mas foi só em 18 de setembro de 2006 que um portal exclusivo de notícias, voltado ao digital, foi lançado pelo conglomerado de mídias, encabeçado pelo diretor de Jornalismo da Globo, Carlos Henrique Schroder. Em sua página de Princípios Editoriais na *web*, o Grupo Globo conceitua o jornalismo como “uma atividade que produz conhecimento sobre fatos e pessoas”, sendo, portanto, uma “forma de apreensão da realidade” (GLOBO, 2023).

As análises apresentadas neste artigo têm como ponto de partida oito reportagens do portal de notícias G1, veiculadas entre junho de 2010 e agosto de 2019, que versam sobre o sequestro do ônibus

174. Para chegar a esse número final de reportagens, o *corpus* do artigo passou por alguns refinamentos: primeiro, uma busca interna no *site*, fazendo uso de mecanismo de buscas, a partir das expressões: “portal G1”, “sequestro ônibus 174” e “Rio de Janeiro”, resultando em 20 matérias; em seguida, o critério de seleção incidu sobre o maior número de matérias que efetivamente abordavam a cobertura do evento objeto de análise desta investigação. Por fim, sintetizamos o recorte das reportagens selecionadas no quadro a seguir.

Quadro 1 – Reportagens relacionadas ao episódio

	Título da Reportagem	Formato	Data
1	Sequestro do Ônibus 174 muda a vida dos reféns	Vídeo	06/04/2017
2	‘Quem passa por esses traumas nunca esquece’, diz refém do sequestro do ônibus 174	Vídeo	12/06/2015
3	Especial sobre ônibus 174 lembra erro de PM e narra a vida de Sandro	Vídeo	12/06/2015
4	Após 10 anos, sequestro do ônibus 174 vive na memória de testemunhas	Texto	12/06/2010
5	‘Existem mil novos Sandros por aí’, diz Yvonne Bezerra sobre 15 anos do 174	Texto	12/06/2015
6	Sequestro do ônibus 174 faz 15 anos; testemunhas relembram drama	Texto	11/06/2015
7	Em 2000, sequestro a ônibus no Rio terminou com mortes; relembra o 174	Texto	21/03/2017
8	Há quase 20 anos, sequestro do ônibus 174 teve desfecho trágico no Rio	Texto	20/08/2019

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Realizou-se, então, uma análise cultural interessante em entender como determinados repertórios representacionais são mobilizados pelas reportagens sobre o episódio narrado, tendo em vista que se pretende explorar também as representações de juventudes negras em suas intersecções e vivências a partir do território onde vivem. Sob a perspectiva dos Estudos Culturais, que orienta o estudo, as postagens não são pensadas como expressões de um pensamento individual, mas como construções históricas e culturais coletivas que emolduram um pensamento possível nos contextos vividos pelas pessoas. Entende-se que o terreno da cultura seria, como argumenta Hall (2003, p. 255), “[...] uma espécie de campo de batalha permanente, onde não se obtêm vitórias definitivas, mas onde há sempre posições estratégicas a serem conquistadas ou perdidas”.

As discussões que se seguem organizam, em chave analítica, os significados constituídos e mobilizados nessas reportagens, considerando os entendimentos de juventudes negras, violência e mídia.

Juventudes negras, violência e invisibilidade: análises e discussões

Os excertos selecionados nesta seção conformam representações de um corpo marginalizado e socialmente inapto. Esse Sandro que se desenha no episódio do 174 é, nesta concepção, fruto de um não-lugar atribuído a esse corpo, um conjunto de narrativas que se somam. Para fins de contexto, cabe pontuar, no entanto, de onde esse corpo fala. Vale mencionar uma das falas de Yvonne Bezerra de Mello, personagem central nessa narrativa.

Figura 1: Reportagem 4 - Após 10 anos, sequestro do ônibus 174 vive na memória de testemunhas

Durante o sequestro, por pelo menos duas vezes, Sandro chama por uma tal Ivone. Na verdade, a mulher a quem Sandro se referia tem a grafia bem diferente do convencional. A artista plástica Yvonne Bezerra de Mello, que tem um projeto social onde cuida de crianças traumatizadas pela violência, conhecia Sandro desde a Candelária.

“Eu fui muito importante na vida dos meninos da Candelária”, recorda Yvonne. Quando soube

Fonte: G1

Yvonne aponta: “Eu fui muito importante na vida dos meninos da Candelária”. Sandro era um desses meninos. Desde muito cedo, foi confrontado com as forças do Estado em momentos ímpares de sua vida e sempre alvejado negativamente por ela. Em um contexto necropolítico, esse é o *modus operandi* do tratamento dado ao corpo negro.

O conceito de necropolítica, segundo Mbembe (2018), analisa a maneira como o Estado decide “quem vive e quem morre”, com o objetivo de compreender a violência sistêmica e as desigualdades que têm, como base central, a noção de “raça”. Em sua obra, Mbembe destaca o contexto de violência racial e a macroestrutura de base racista, relacionando seu conceito de necropolítica com a leitura de Giorgio Agamben do *modus operandi* do Estado de exceção durante o Holocausto. Necropolítica é um daqueles conceitos que carregam uma potência própria e tornam possível perceber, reformular e articular as violências raciais sofridas por corpos negros, a partir de uma nova perspectiva.

Muitas obras já se debruçaram sobre o ocorrido na Candelária, no entanto, estar envolvido na-

quele massacre acabou por constituir em Sandro uma solidão ainda maior. Enquanto mantinha os reféns no ônibus, Sandro apontou o episódio:

Figura 2: Reportagem 6 - Sequestro do ônibus 174 faz 15 anos; testemunhas relembram drama

"Ai, parceiro: pode me filmar legal. Se liga só: eu estava na Candelária, o bagulho é sério, mataram os irmãozinhos na maior judaria! Então eu não tenho mais nada a perder mais, não, irmão!", dizia Sandro Barbosa do Nascimento.

Fonte: G1

Nesse momento, "a morte dos irmãozinhos na maior judaria" denota a dor de Sandro ao perder "tudo" que tinha. Morador de comunidade e sem apoio familiar após testemunhar a morte de sua mãe, Sandro entra para uma estatística constante nesses espaços. Conforme dados do Observatório de Favelas (2018), houve um aumento de 50% no número de crianças de 10 a 12 anos que entraram na rede do tráfico de drogas entre 2006 e 2018, um aumento de 13% (AGÊNCIA BRASIL EBC, 2018).

Em outro excerto, Yvonne retrata o apego que Sandro tinha aos seus:

Figura 3: Reportagem 3 - Especial sobre ônibus 174 lembra erro de PM e narra a vida de Sandro

Durante o episódio, Sandro chamou, algumas vezes, pela Tia Yvonne. Ela conta que fica agoniada ao lembrar da história. "Muita agonia. Porque se eu tivesse ido talvez o desfecho tivesse sido completamente diferente. Mas eu estava do outro lado da cidade. Eu só soube do acontecido tarde da noite no jornal e aí já era tarde demais né. E ele chamou por mim sim porque eu era a única referência que ele teve durante muitos anos", disse.

Fonte: G1

A assistente social aponta: "Ele chamou por mim, sim, porque eu era a única referência que ele teve durante muitos anos". Esse lugar de referência, ocupado por Yvonne, teve muitos desvios na vida de Sandro – a mãe assassinada e os amigos assassinados, por exemplo. A linguagem conhecida por ele era a da morte. Sobre isso, Yvonne faz o seguinte apontamento:

Figura 4: Reportagem 5 - 'Existem mil novos Sandros por aí', diz Yvonne Bezerra sobre 15 anos do 174

A solução para evitá-las, segundo ela, seriam políticas sociais mais complexas e justas. "Você não pode criar crianças em uma área bélica, é impossível. Gente morta todos os dias faz com que, na cabeça delas, isso seja normal. Existem mil novos Sandros por aí, já estão nas ruas", ela diz.

Fonte: G1

A área bélica à qual Yvonne se refere faz alusão ao espaço ocupado por aqueles corpos. Em um ambiente necropolítico, o espaço adquire contornos importantes. Mbembe (2018) vai apontar as colônias como ambientes que representam um estado de "guerra sem fim" (2003, p. 132), respaldado pelos inimigos invisíveis do Estado, corporificados no contexto da guerra às drogas, os quais acabam por tomar forma final nos mais vitimados desse cenário de morte: os jovens negros. Conforme Silva e Campos (2020) pontuam,

[...] no caso das cidades brasileiras, as favelas e comunidades –, o Estado "pode matar em qualquer momento ou de qualquer maneira" (Mbembe, 2016, p.134), uma vez que, na perspectiva do necropoder, há uma inexistência de humanidade percebida nestes corpos. Como aponta Fanon (1991, p.39), "lá eles nascem, pouco importa onde ou como; morrem lá, não importa onde ou como". Para Mbembe (2016, p.133), são "zonas em que guerra e desordem, figuras internas e externas da política, ficam lado a lado", são locais onde a violência do Estado tende a trabalhar "a serviço da civilização" (p. 272).

Sandro, por sua vez, é aquele inumano que habita um espaço de morte e, a partir dele, se constitui. Nesse sentido, a identidade forjada por esse corpo negro em suas vivências acaba por conferir-lhe meios para matar. Entende-se que, nessa lógica, o sequestro do ônibus 174 foi, em larga medida, consequência de um cenário de necropoder (MBEMBE, 2018). Sobre isso, Yvonne postula:

Figura 5: Reportagem 5 - 'Existem mil novos Sandros por aí', diz Yvonne Bezerra sobre 15 anos do 174

"Hoje tem meninos em todo o lugar. Segurança pública é depois: quando a pessoa está roubando. Antes de chegar na rua roubando, é um problema social", afirma. Na ocasião, uma amiga revelou ao G1 que ela fora ameaçada.

Fonte: G1

A fala da assistente social é carregada de vivências e confrontos. Antes de ser um bandido, criminoso ou assassino, Sandro assumira muitas outras facetas; fora filho, depois órfão; fora amigo, depois viu seus amigos morrerem. No Brasil, mais de 236 mil pessoas vivem nas ruas das cidades. O perfil dessa população é, majoritariamente, composto por homens (87%), adultos (55%) e negros (68%) (GOV,

2023). O entrave é que esses corpos passam a importar somente quando quebram a lógica do necropoder, como o caso de Sandro, que ganhou repercussão por seu ato de desespero. No entanto, existem mil novos Sandros por aí. Nessa perspectiva, os excertos mostram a trajetória de Sandro como mais um jovem negro no cenário necropolítico. A partir das trajetórias vivenciadas, assume-se que há desigualdade, por exemplo, nos espaços de circulação dos corpos e no modo como o Estado gerencia aquelas vidas.

Interessam-nos, nesta parte da discussão, as discursividades presentes nas reportagens que ensinam sobre o funcionamento do Estado necropolítico em relação ao corpo negro, tomando como base os excertos sobre o caso de Sandro. Em um dos excertos, uma breve biografia de Sandro é exposta no corpo do texto.

Figura 6: Reportagem 3 - Especial sobre ônibus 174 lembra erro de PM e narra a vida de Sandro

Sandro tinha 21 anos, quando sequestrou o 174, foi abandonado pelo pai e aos oito anos viu a mãe ser assassinada a facadas. Depois disso, passou a viver nas ruas. Aos 13 anos, sobreviveu à chacina da candelária e aos 14 se envolveu com traficantes. Até os 17 anos, teve várias passagens por instituições de menores infratores, por roubos e furtos. Aos 21, foi condenado a 3,5 anos de prisão por assalto a mão armada. Sandro era foragido da justiça quando embarcou no ônibus.

Fonte: G1

Em um cenário necropolítico, a jornada de Sandro desenha-se como uma narrativa comum. Sua vida é permeada pela carência de políticas públicas e direcionada precocemente à repressão. Aos 21 anos, já havia enfrentado situações que moldaram seu modo de vida, experimentando uma juventude marcada pelo desalento e um arraigado condicionamento ao abandono.

Na contemporaneidade, como é destacado por Novaes (2021), o uso do termo “juventudes”, no plural, busca reconhecer as diversas diferenças culturais e desigualdades sociais presentes em uma sociedade caracterizada por amplas distâncias sociais. A vivência da condição jovem é desigual, variando conforme a origem social, os níveis de renda e as disparidades socioeconômicas. Segundo Lima e Paz (2021), as experiências de pobreza, uma condição crônica imposta à existência negra, que incluem exposição contínua ao perigo, ameaças, violência,

humilhações e mortes desde a infância, estão fortemente associadas ao adoecimento físico e psíquico na população negra. O cenário descrito é caracterizado por ataques que buscam aniquilar a existência negra (LIMA; PAZ, 2021).

O jovem considerado “violento”, responsável pelo sequestro do ônibus 174, que provocou uma comoção internacional, já tinha seu destino traçado e estava ciente disso. Em um dos excertos, uma sobrevivente indica que Sandro tinha plena consciência de que não sairia vivo do ônibus. Nos escritos de Bertolt Brecht, surge uma reflexão sobre a morte e a sociedade:

Há muitas maneiras de matar uma pessoa. Cravando um punhal, tirando o pão, não tratando a sua doença, condenando à miséria, fazendo trabalhar até arrebentar, impelindo ao suicídio, enviando para a guerra, etc. Só a primeira é proibida por nosso Estado (BERTOLT BRECHT, s/d).

A morte, dentro do contexto do necropoder, independentemente de sua natureza, está sempre carregada de violência ou crueldade. Ela representa a imagem de uma vida formada à margem (FLOR DO NASCIMENTO, 2020), percebida na sociedade como descartável, como argumenta Mbembe (2018). Naquele cenário e para o momento atual, Sandro era considerado um corpo passível de ser morto (MBEMBE, 2018), uma disrupção no mundo branco. Carvalho (2019) afirma:

Inventado como um jazigo, um símbolo da morte, além de serem comercializados na modernidade, os jovens “negros” são concebidos como seres sem humanidade (CARVALHO apud MBEMBE, 2014), portanto, são construídos como violentos. Carregam o estigma do qual foi construído socialmente como *classe perigosa* e como *suspeitos* (p. 67 *grifos* da autora).

Para Sandro, a morte ou o suicídio assumiu a forma de sua última tentativa de desvincular-se desse “lugar de outridade” (KILOMBA, 2019, p.188). No entanto, esse também era o plano dos policiais presentes. Nos minutos finais do sequestro, um dos membros da corporação atirou em Sandro,

resultando na morte da refém, Geísa. As palavras do comandante oferecem alguns indícios:

Figura 7: Reportagem 3 - Especial sobre ônibus 174 lembra erro de PM e narra a vida de Sandro

"Não [deu a ordem para atirar]. Ele se levanta, progride em direção ao Sandro. Ele tomou aquela iniciativa. Na verdade ele erra o tiro. Se ele acerta o tiro, hoje talvez fosse herói, né? Mas ele erra aquele tiro e dá oportunidade de o Sandro assassinar a Geísa", contou.

Fonte: G1

Aquele corpo, tido como desordeiro e indisciplinado, parecia demandar uma contenção final por meio dos aparatos do Estado, como abordado por Foucault (1999). Contudo, a possibilidade de um ato heroico do atirador evidencia como o racismo orienta as formas de morte na população negra. O destino desse corpo negro indisciplinado é o caixão. O ódio fundamentado na cor negra a essa comunidade a concessão de dignidade e justiça social, transformando suas vidas em simples mecanismos de controle e subjugação (BRITO, 2018).

Esse ponto destaca uma contradição no objetivo publicizado socialmente no que tange ao policial, uma vez que seu principal dever deveria ser proteger os cidadãos e prevenir atos ilícitos contra eles. Entretanto, na prática, a polícia, muitas vezes, atua não como um agente preventivo, e sim como um agente provocador, como evidenciado no excerto que descreve o resultado do sufocamento de Sandro dentro do camburão da PM.

Figura 8: Reportagem 4 - Após 10 anos, sequestro do ônibus 174 vive na memória de testemunhas

Sobre a morte de Sandro do Nascimento, Yvone, Luiz Eduardo e Rodrigo concordam.

"Baseado no entendimento do tribunal do júri, que absolveu os policiais, a quase totalidade da sociedade carioca queria estar naquela viatura do Bope, enforcando Sandro do Nascimento", observa Pimentel. "Essa execução extrajudicial exprime a vontade do povo, que clamava por vingança. O policial apertou o pescoço do rapaz com a energia da massa, que queria o linchamento", acrescenta Soares. "Foi um assassinato respaldado por toda a sociedade", finaliza Yvonne.

Fonte: G1

O assassinato, respaldado por toda a sociedade, conforme destacado por Yvonne, reflete um povo que desiste. O grupo de *rapper* Rappa, em sua música homônima de 1994, expressa em versos que "todo camburão tem um pouco de navio negreiro". No tecido social, ao final das contas, segundo Gomes (2013) e Rocha (2013), o futuro dos jovens em situa-

ções semelhantes é marcado pelo encontro dos dois "C" (Cadeia ou Cemitério).

Os trechos apresentados alimentam a discussão sobre a banalização da morte quando se trata de um corpo negro, um corpo socialmente identificado como matável (MBEMBE, 2018). É um corpo sujeito, cotidianamente, às políticas de morte e desprovido do direito de responder pelos crimes, porventura cometidos, de acordo com os preceitos do Código Penal.

Outro tensionamento a ser considerado em nossas análises diz respeito ao papel ocupado pela mídia durante a cobertura jornalística do sequestro do ônibus 174, impactando direta e indiretamente na forma pela qual os fatos passaram a ser fabricados e produzindo significados que os tornaram marcantes. Tal concepção estaria atrelada aos entendimentos de Kellner (2006), inspirado nas teorizações de Debord, ao referir-se à "espetacularização da realidade", refletindo sobre "como os espetáculos são produzidos, construídos e divulgados" (p. 122). Nessa linha de entendimento, a mídia dá visibilidade a "ocorrências de violência" ao inseri-las nas pautas de seus editoriais, noticiários ou programações, ampliando sua audiência. Rodrigo, ex-capitão do Bope, destaca ter sido aquela ocorrência no Rio de Janeiro uma das mais midiáticas de que tinha lembrança. Ele diz:

Figura 9: Reportagem 4 - Após 10 anos, sequestro do ônibus 174 vive na memória de testemunhas

"Foi uma das ocorrências de violência no Rio de Janeiro mais midiáticas que me lembro", comenta o ex-capitão do Batalhão de Operações Especiais (Bope), da Polícia Militar, Rodrigo Pimentel. Na época, nos bares da cidade, nas vitrinas de lojas de eletrodomésticos, onde havia uma TV, tinha um grupo de pessoas que pararam para assistir ao sequestro, em tempo real.

Fonte: G1

A cobertura dos acontecimentos "em tempo real" teria ganhado transmissões em rede nacional e internacional. O caso, amplamente noticiado pela mídia, foi relatado com atualização quase instantânea de informações. As imagens mostravam inúmeros policiais fortemente armados e com equipamentos de proteção fazendo cerco ao ônibus e às imediações. Ruas foram obstruídas com sinalizações de desvio para manter o local isolado. Repórteres

de diferentes emissoras transmitiam chamadas com imagens que ilustravam a tensão entre policiais, reféns e o sequestrador, em um dos mais intensos espetáculos do jornalismo brasileiro nos anos 2000. A repórter Vanessa retoma algumas lembranças desse dia:

Figura 10: Reportagem 4 - Após 10 anos, sequestro do ônibus 174 vive na memória de testemunhas

Na época do crime, a repórter Vanessa Riche, que trabalhava para o canal a cabo GloboNews, tinha um ano de formada. “Eu saí para fazer uma reportagem sobre um evento de moda, no Riocentro (Zona Oeste). Mas minha chefe pediu para ‘passar rapidinho’ no Jardim Botânico, eu devia apurar um assalto a ônibus”, conta ela. O “rapidinho” se transformou em quase quatro horas de cobertura, transmitida ao vivo, para todo o Brasil. “Assim que cheguei, me contaram que eram dois ladrões. Mas eu só vi o Sandro, dentro do ônibus, com os reféns”, recorda Vanessa.

Fonte: G1

Na medida em que o “passar rapidinho” para conferir e noticiar os fatos se tornou quatro horas de cobertura ao vivo, há indícios de que a informação jornalística por si só não basta. Observa-se o forte envolvimento do espectador em um evento que alcançou grandes patamares de repercussão. Para isso, somaram-se imagens e interpretações excessivamente repetidas e exploradas, levando à conclusão de que, para ganhar a audiência, tudo se justificava: a transformação de heróis em anti-heróis, de vítimas em agressores e novamente em vítimas. Para Carvalho *et al.* (2012), “não se pode negar que os impactos sociais que ela [a mídia] causa podem originar a banalização do tema, ao explorar atos violentos a partir de imagens e sentidos de conflitos sociais” (p. 347). Ao refletir sobre a notoriedade que o episódio ganhou em face das repercussões na mídia, falas da repórter Vanessa indicam que

Figura 11: Reportagem 4 - Após 10 anos, sequestro do ônibus 174 vive na memória de testemunhas

O sequestro ganhou repercussão internacional. A rede americana de jornalismo CNN transmitiu as imagens para TVs a cabo de todo o mundo. “Para mim, ninguém estava vendo”, revela Vanessa. “Eu acreditava ser uma notícia muito local”, acrescenta. A repórter diz que só teve uma real dimensão da cobertura quando o jornalista Sidney Rezende, âncora da Globo News, chegou ao local do sequestro. “Ele me disse: ‘Vanessa, você não faz ideia da repercussão’”, conta ela.

Fonte: G1

Encaminhando-nos para o encerramento desta seção, consideramos ser relevante apontar que a mídia não é única e exclusivamente responsável pela produção e constituição da violência, bem como de situações que envolvem e fazem repercutir atos violentos. No entanto, cabe considerar que ela cumpre

um papel relevante, explorando ao extremo os fatos e acontecimentos violentos, ampliando sua importância e divulgação e, por vezes, envolvendo-os em certa espetacularização. Com isso, buscamos argumentar, aqui, que a mídia assume conotações que englobam saberes, ao passo que instituem ditos demarcando o que se diz, como se diz e sobre quem se diz, tal como observou Fischer (2007), “formas de inscrever-nos no social, de escrever, de falar, de pensar o mundo e a nós mesmos” (p. 291).

Algumas palavras finais

Neste artigo, exploramos a construção do corpo negro como uma espécie de não-ser, tomando como base as nuances que envolveram Sandro Nascimento, no episódio do ônibus 174 no Rio de Janeiro, em 12 de junho de 2000, apontando possibilidades de pensar a constituição das juventudes negras como um corpo matável, algo que se constrói desde cedo e se perpetua no imaginário social. Através da lente do conceito de necropolítica, cunhado por Achille Mbembe, destacamos como o Estado, por meio de suas políticas e práticas, delibera sobre a vida e a morte, situando corpos negros no epicentro da violência estrutural. A trajetória de Sandro emerge como um relato marcado por experiências precoces com a violência estatal, carência de apoio e uma busca por conexões significativas em meio à hostilidade dos ambientes em que vai se situando ao longo da vida. Ao proferir expressões como: “eu não tenho nada a perder mais, não”, “vou matar, paga para ver”, e ainda, “da mesma forma que vocês são perversos, também não sou de bobeira, não, tá ligado”, o jovem Sandro parece estar dando respostas às negações do Estado sofridas por ele ao longo de sua história. Não estamos querendo pontuar, com isso, que os atos cometidos por Sandro estão corretos, nem que se justificam, mas não podemos deixar de levar em consideração que, em certa medida, refletem parte das lacunas e ausências vivenciadas por uma grande parcela de jovens negros periféricos, naturalizando situações de privações a que estão expostos desde cedo.

A análise aponta uma sociedade que respal-

da a morte do outro-negro como algo banal, fazendo girar o ciclo de racismo estrutural e de violência policial que acometem, rotineiramente, esses corpos. A compreensão desses fenômenos destaca a urgência de uma reflexão coletiva sobre a responsabilidade da sociedade na manutenção de narrativas de morte – incluindo enfrentar as raízes que alimentam a perpetuação das desigualdades também nos processos midiáticos. É pertinente destacar, ainda, as dimensões do texto no que tange às análises já efetuadas sobre o episódio do ônibus 174, uma vez que, sob as lentes teóricas dos Estudos Culturais, conseguimos dar outros passos na direção de tematizar a violência presente nesse caso, olhando para os textos jornalísticos postados no portal de notícias de uma forma ainda não colocada no meio acadêmico e produzindo novas subjetividades.

Por fim, quanto às produções na e pela mídia, cabe salientar que, na argumentação que assumimos aqui, as narrativas contidas nos textos jornalísticos do Portal G1 são concebidas como manifestações culturais produtivas que inventam identidades e regulam, coordenam e governam práticas, por exemplo. Nessa linha de entendimento – abordagens sob a ótica das perspectivas pós-modernas, alinhadas com o que se tem denominado de *virada linguística e virada cultural* (HALL, 1997) –, os textos culturais, como esses analisados, são tomados como discursos que não apenas descrevem ou falam sobre as coisas, mas que, ao fazê-lo, também instituem as próprias coisas. Dito isso, entendemos que as produções *na e pela* mídia acerca do episódio analisado, sejam elas verbais ou imagéticas, revelam uma mescla de pobreza, violência, abandono, fome, friagem, criminalidade, violência policial e falta de reconhecimento a que os muitos Sandros que andam por aí estão subjugados.

Referências

AGÊNCIA BRASIL EBC. Aumenta a entrada de crianças na rede de tráfico de drogas no Rio. 31 jul. 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-07/aumenta-entrada-de-criancas-na-rede-de-trafico-de-drogas-no-rio>. Acesso em:

25 de jan. de 2024.

bell hooks. **Olhares Negros: raça e representação**. Trad. Stephanie Borges. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

BHABHA, H. J. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

BRITO, A. de. **Racismo determina quem vai viver ou morrer na nossa sociedade’, diz pesquisadora**. Correio. 2018. Disponível em <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/racismo-determina-quem-vai-viver-ou-morrerna-nossa-sociedade-diz-pesquisadora/>. Acesso em de 06 jan. de 2024.

BUENO, C.W. **Processos de resistência e construção de subjetividades no pensamento feminista negro: uma possibilidade de leitura da obra Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment (2009) a partir do conceito de imagens de controle**. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019.

CAMOZZATO, V.; COSTA, M. V. Vontade de pedagogia—pluralização das pedagogias e condução de sujeitos. **Cadernos de Educação**, 44, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/caduc/article/view/2737>. Acesso em 10 de dez. de 2023.

CAMPOS, D. M. de; SILVA, H. F. da. #ProcuraseJoãoPedro: A mobilização no Twitter contra a necropolítica. **Ecopós. Perspectivas.**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 266-294, 2020. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27973/15334. Acesso em: 15 de dez. de 2023.

CARVALHO, D. W.; FREIRE, M. T.; VILAR, G. Mídia e violência: um olhar sobre o Brasil. **Rev Panam Salud Publica**. v 31(5), 2012. Disponível em: <https://scielosp.org/pdf/rpsp/2012.v31n5/435-438/pt>. Acesso em: 10 de out. de 2023.

CARVALHO, S. C. de S. A juventude “negra” como bode expiatório. **Argumentum**, v. 11, n. 2, p. 62-75, 31 ago. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.18315/argumentum.v11i2.23966>. Acesso em: 25 de jan. de 2024.

COSTA, M. V.; SILVEIRA, R. H; SOMMER, L. H. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira De Educação**, (23), 36–61, 2003. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782003000200004>. Acesso em: 15 de dez. de 2023.

CRUZ, F.; GARCIA, E. de F. O caso do ônibus 174: um estudo de recepção. **Atuará Revista Pan-Amazônica de Comunicação**, Palmas, v. 4, n.3, set.-dez. 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/atura/article/view/12485>. Acesso em: 12 de dez. de 2023.

- DE OLIVEIRA, J.; DE OLIVEIRA, R.; ARRAIS, J. Racismo estrutural midiático no Brasil: o corpo negro e as imagens online que condenam, matam e discriminam. **Anais XV ENECULT – encontro de estudos multidisciplinares em cultura** - Salvador, 3 ago. 2019. Disponível em: <http://www.xvenecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-484/112048.pdf>. Acesso em: 02 de jan. de 2024.
- DESCHAMPS, C. B. **Educação, Cinema e Pedagogias Culturais**. In: Anais 2017. Disponível em: https://www.2017.sbece.com.br/resources/anais/7/1495676436_ARQUIVO_Carina-BDeschamps_Trabalho-7SBECE.pdf. Acesso em: 14 de nov. de 2023.
- FISCHER, R. M. B. Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação** v. 12 n. 35 maio/ago. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/C35fNMQLPQR-LKdSrwn54pxt/?format=pdf> Acesso em: 10 de jan. de 2024.
- FISCHER, R. M. B. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. **Educação & Realidade**. V.22, n.2., 1997. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71363>. Acesso em: 05 de jan. de 2024.
- FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- GLOBO. Princípios Editoriais do Grupo Globo. Disponível em: <https://g1.globo.com/principios-editoriais-do-grupo-globo.html>. Acesso em: 25 de jan. de 2024.
- GOMES, F. B. “Cenas embaçadas”: a relação entre as espacialidades vivenciadas por jovens do sexo masculino e a morte por homicídio na cidade de Ponta Grossa, Paraná. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2013.
- GOV. MDHC **lança relatório sobre pessoas em situação de rua no Brasil; estudo indica que 1 em cada mil brasileiros não tem moradia**. 19 set. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/setembro/mdhc-lanca-relatorio-sobre-pessoas-em-situacao-de-rua-no-brasil-estudo-indica-que-1-em-cada-mil-brasileiros-nao-tem-moradia>. Acesso em: 25 de jan. de 2024.
- HALL, S. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio/Apicuri, 2016.
- HALL, S. **Quem precisa da identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org. e Trad.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- HALL, S. **Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 22, n. 2, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71361>. Acesso em: 26 de jan. de 2024.
- HERSCOVITZ, H. G. **Características dos portais brasileiros de notícias**. Brazilian Journalism Research: journalism theory, research and criticism, Brasília, DF, v. 5, n. 1, p. 102-126, jun. 2009. Disponível em: <https://goo.gl/HG3cCw>. Acesso em: 25 de jan. de 2024.
- JENKINS, H. **Cultura da convergência: a colisão entre os velhos e novos meios de Comunicação**. 2ª ed. São Paulo: Aleph, 2009.
- KELLNER, D. Beavis e Butt-Head: Sem futuro para a juventude pós-moderna. In: STEINBERG, S.; KINCHELOE, J. (Org.). **Cultura Infantil: A construção corporativa da infância**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 133-159.
- KILOMBA, G. **Descolonizando o conhecimento – Uma Palestra-Performance**. Mostra Internacional de Teatro de São Paulo, v. 6, n. 03, 2016.
- KOSTULSKI, C. A.; RODRIGUES, P. M.; PARABONI, P.; ARPIN, D. M. Adolescência, violência e invisibilidade social: uma revisão crítica a partir da história de Sandro. **Revista Sociais & Humanas – Vol. 32 / Nº 3 – 2019**. Disponível em: <https://core.ac.uk/reader/288302940#related-papers>. Acesso em: 10 de jan. de 2024.
- LIMA, L.; PAZ, F. P. C. A morte como horizonte? **Teoria e Cultura**, v. 16, n. 1, p. 95-109, 5 jul. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.34019/2318-101x.2021.v16.30795>. Acesso em: 25 de jan. de 2024.
- MBEMBE, A. **Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. São Paulo: N-1 edições, 2018.
- NARDELLI, R. Ônibus 174: um sequestro, várias visões. **Univ. Hum.**, Brasília, v. 8, n. 1, p. 107-129, jan./jun. 2011. Disponível em: [file:///C:/Users/PC/Downloads/1558-8340-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/PC/Downloads/1558-8340-1-PB%20(1).pdf). Acesso em: 10 de dez. de 2023.
- NASCIMENTO FLOR DO, W. Da necropolítica a ikupolítica. **Revista Cult**. Publicação: 27.01.2020. Disponível em <https://revistacult.uol.com.br/home-da-necropolitica-a-ikupolitica>. Acesso em: 06 de jan. de 2024.
- NOVAES, R. Juventude e sociedade: jogos de espelhos, sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas. **Revista Sociologia Especial: ciência e vida**, São Paulo, 2007.
- PEREIRA, C. M. O corpo político do rap: espaço